

XXIII Encontro Anual da ANPOCS

Radicalização da modernidade: a Nova Era e a incorporação reflexiva da esfera sagrada (versão preliminar)

GT 16 Religião e Sociedade

Primeira Sessão: Orientalização: uma alternativa a secularização?

Magda Viviane dos Santos Pereira

Professora do Departamento de Ciências Humanas do Centro Universitário La Salle e Mestranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS.

Radicalização da modernidade: a Nova Era e a incorporação reflexiva da esfera sagrada

Magda Viviane dos Santos Pereira¹

Resumo A Modernidade, como um produto cultural do ocidente, tem como uma de suas características centrais a fragmentação das esferas de vida. Isto implicou e, ainda implica, a especialização de campos da vida social. A religião, também incorporada nesse processo, tornou-se, portanto, um sistema especializado de orientações de sentidos. Este movimento é conhecido como processo de secularização da religião. Na atualmente propalada crise da modernidade, tem sido colocado em relevo a ocorrência de um processo de dessecularização representado pela difusão de crenças esotéricas e espirituais, muitas delas com uma forte matriz oriental. Entretanto, o que se tem verificado empiricamente, através de pesquisa com participantes do Movimento Nova Era, é a incorporação reflexiva dessas novas expressões de religiosidade. Estas, ao revalorizarem a esfera do sagrado, não o fazem senão com o propósito de adoção instrumental, por seus praticantes, de um referencial de valores e normas empregadas como recurso reflexivo na construção de estratégias de reinserção social. Isto significa a reincorporação de novos e velhos conhecimentos, hibridizados, com a finalidade de constituir um modelo de subjetivação orientador de condutas sociais.

Palavras chaves: fragmentação da esfera de vida, especialização, incorporação reflexiva, modelo de subjetivação, condutas sociais.

¹ Professora do Departamento de Ciências Humanas do Centro Universitário La Salle e Mestranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. E-mail: magvisan@orion.ufrgs.br

Modernidade

Como partida para a análise a ser exposta aqui, começamos apontando os pontos de convergência teórica sobre a questão da modernidade. O olhar que lançamos sobre esta tem por propósito a construção de um referencial teórico para pensar a efervescência da religiosidade contemporânea, especialmente aquelas de caráter mágico e esotéricas, englobadas no Movimento Nova Era.

Toma-se como pressuposto a teoria da racionalização da religião de Weber, para destacar, em primeiro lugar, o irreversível papel do processo de secularização. Nessa direção, propomos a compreensão do que seja a espiritualidade Nova Era nos marcos das considerações de Weber acerca da racionalização cultural. A secularização é o processo no qual a religião deixa de ter a função central de normatização da vida social. Com o advento da modernidade, gradativamente, o Estado passou a ser a fonte normativa de integração social, instaurando assim o poder secular.

A religião passa a ser, portanto, uma esfera, entre outras, especializada na oferta de sentidos de vida para os indivíduos. Especificamente esse processo é denominado como secularização da religião. Conforme assinala Pierucci, a secularização é resultado de um processo histórico: "Nesse sentido, ela é resultado, consequência, de certa maneira um ponto de chegada, uma conclusão lógica do processo histórico-religioso de desencantamento do mundo". (PIERUCCI, 1998, p.51)

A partir do processo de modernidade a religião passa também - ao se transformar em uma instituição moderna -, *pari passu*, experimentar um processo de racionalização. Especificamente, nos interessa aqui a racionalidade da religião como processo que faz emergir as estruturas de consciência modernas, conforme Habermas:

"La teoría de Weber abarca la racionalización religioso y la racionalización social, es decir, por lado, lá emergencia histórica de las estructuras de consciencia modernas, y por outro, la materialización de esas estructuras de racionalidad en instituciones sociales." (HABERMAS, 1987, p.212-213)

Emerge desse processo a forma moderna de condução da vida. A centralidade encontra-se situado, agora, na transformação da explicação do mundo em um mecanismo instrumental, em termos sócio-político. A consequência disto, é o desenvolvimento de uma racionalidade reflexiva que possibilita o monitoramento, pelo indivíduo, de suas relações com as diferentes esferas do social.

A análise do fenômeno cultural-religioso conhecido como movimento Nova Era, está ligado a essa questão fundante. O movimento Nova Era constitui-se como uma expressão de religiosidade individualista e reflexivista. Idéia que, como veremos, será tratada mais adiante, na seção seguinte deste texto. Entretanto, cabe ressaltar, que a questão do individualismo e da reflexividade são os elementos que nos permitem afirmar desde já, a efervescência do campo religioso com a emergência de variadas expressões cultural-religioso.

O que se afirmar por entre esta efervescência, não é o retorno ou a emergência de processos de dessecularização que, em seu bojo, traria um movimento de reencantamento do mundo. Evidencia-se, pelo contrário, um processo de "radicalização da modernidade".

"as disjunções que tomaram lugar devem . . . ser vistas como resultantes da auto-elucidação do pensamento moderno, conforme os remanescentes da tradição e das perspectivas providenciais são descartados. Nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização. (GIDDENS, 1991, p.57)

O desencaixe propiciado pela modernidade são "os deslocamentos das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço" (GIDDENS, 1991, p.29). Extensão da modernidade como algo maior que a ocidentalização, e nesse sentido poderíamos dizer que a explicação para o fato empírico da entrada das religiões e filosofias orientais como orientadoras de sentido para as condutas sociais no ocidente, reforça e indica que estamos mergulhados no processo da modernidade.

"Em vez de considerarmos o eu, como sendo construído por uma "tecnologia" específica, deveríamos reconhecer que a auto-identidade torna-se particularmente problemática na vida social moderna, particularmente nos períodos mais recentes. As características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são de caráter aberto" da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo. (. . .) Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo - uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revistas." (GIDDENS, 1993, p.41)

Na continuação, evidencia-se o processo de instrumentalização do conhecimento especializado "A psicanálise (. . .) proporciona um ambiente e uma base rica de recursos teóricos e conceituais para a criação de uma narrativa reflexivamente ordenada do eu." (GIDDENS, 1993, p.41). Isto implica, segundo o autor, que em uma situação

terapêutica, seja ela no sentido da psicanálise clássica ou não, "os indivíduos são capazes de conduzir o seu passado "de acordo" com as exigências do presente, consolidando um enredo emocional com o qual eles sentem relativamente satisfeitos." (GIDDENS, 1993, p.42)

"A modernidade está associada à socialização do mundo natural - a substituição progressiva das estruturas e dos acontecimentos que eram parâmetros externos da atividade humana por processos socialmente organizados. Não apenas a própria vida social, mas também o que costumava ser "natureza", passam a ser dominadas por sistemas socialmente organizados." (GIDDENS, 1993, p.45)

A religião, inserida neste processo de fragmentação e especialização característico da modernidade, recompõem-se reflexivamente nesse meio.

A Religião nesse processo

Segundo Peter Berger, o processo de desencantamento religioso e sua culminância no processo de secularização levaram "a operação pela qual o homem, projetando-se o mais longe possível fora de si, impõe à realidade suas próprias significações, concebe o universo inteiro como tendo significação humana, e enraíza o mundo social nesse universo, do qual, nas suas estruturas fundamentais, ele se constitui num reflexo e numa derivação." (BERGER, 1967, p. 27-28)

A racionalização e a especialização das esferas de vida trouxeram então, como "regime de valor" (RÜDIGER, 1993) o individualismo. Isto significa que se exige de cada pessoa que seja um indivíduo, não biológico, mas indivíduo moral, que marque sua diferença, que se realize em toda a sua potencialidade individualmente.

A religião, acompanhou esse processo tornando-se uma esfera de sentido especializada da vida social, onde a privatização da experiência religiosa é uma das características da religiosidade moderna. Conforme Luckmann, ocorre uma transformação nas formas da religião e não o seu declínio (1971, p.119). O resultado é o de que as instituições religiosas perdem sua força na função de integradoras da vida social, emergindo uma forma particular de relação com o transcendente, onde o indivíduo determina sua relação com o transcendente.

Para os sociólogos da religião, a partir da década de 60, essa tornava-se cada vez mais privatizada no mundo moderno. A religião enquanto relação com o sagrado, passa

a ser cada vez mais um problema do indivíduo, e por consequência deixa de ter influência preponderante na esfera pública, tornando-se uma instância de ordem subjetiva. Observa-se que as pessoas aderiam voluntariamente a uma pluralidade de religiões, sendo que nenhuma delas poderia reivindicar praticamente estar comprometida com ninguém a não ser com seus próprios membros. Essas questões encontram completude nas interpretações de Giddens à respeito dos interstícios da modernidade.

As proposições de Giddens (1991) sobre os processos de desencaixe e da reflexividade, como traços característicos da modernidade, reforçam a idéia de que a fragmentação do mundo leva a uma percepção individualista do mesmo. Por consequência, as experiências e expectativas centram-se mais em direção à preocupações subjetivas.

A constatação da existência, na contemporaneidade, de um fenômeno religioso complexo e dinâmico, por vezes até contraditório, que desafia a capacidade de pesquisa dos estudiosos dos universos simbólicos religiosos, exemplifica uma dimensão desses encaixes e desencaixes da modernidade, lançando luz sobre o aspecto da relação de continuidade da tradição, dentro da modernidade. Isso porque se confirma a evidência empírica de que existe, quase no âmbito mundial, uma presença ativa de diversas correntes e tendências religiosas que tem revitalizado o mundo do sagrado através de uma expressão manifesta, crescente e multivariada de práticas religiosas-místicas e esotéricas advindas de tradições culturais diversas. Tais práticas atraem a atenção de um número significativo de seguidores, especialmente um público mais escolarizado, urbano, proveniente das camadas médias; fenômeno que se desenvolve na modernidade e no processo emergente de globalização.

Outra questão, que se coloca constitutivo e complementar a análise da religiosidade contemporânea, trata da emergência da prática religiosa, marcada essencialmente por dois comportamentos: a opção individual na escolha das práticas religiosas e o trânsito religioso. A respeito do primeiro, constata-se que as pessoas podem fazer seus próprios recortes e montar seu próprio sistema produtor de sentido e de explicação da realidade, sendo a tendência atual que a religião seja individual, o que se constata nas análises sobre o processo da conversão. Nesse reconhece-se a busca de

uma transformação voluntária da identidade, que é definida subjetivamente pelos indivíduos.

Pace (1996) define esse comportamento como volta à gestão da livre iniciativa individual, o que se traduz em um processo de liberação religiosa, onde os indivíduos se distanciam das instituições tradicionais, especialmente das instâncias religiosas de nascença. Isso, porém, não significa necessariamente a extinção do interesse ou inclinação religiosa; pelo contrário, se expressa em uma demanda cada vez maior por sistemas simbólicos, com referência a um sagrado, especialmente na procura de sentidos significativos para a existência.

A respeito do segundo comportamento, o trânsito religioso, é definido como o não estabelecimento de um vínculo permanente e definitivo com uma organização religiosa só, senão que haveria uma busca constante de diversas opções religiosas dependendo das necessidades subjetivas e objetivas. Portanto, procura-se respostas a uma problemática psicossocial nas diferentes alternativas oferecidas. Assim, uma pessoa pode freqüentar a Igreja Católica, fazer um “trabalho” num terreiro, jogar cartas do tarô, ler Paulo Coelho, etc., sem que esses sistemas de crenças se tornem incompatíveis como práticas religiosas, senão válidos enquanto sistemas de sentido, "uma vez que não é mais questão de adesão, mas de participação soft, a curto prazo e à modo de um *self service* religioso, o que evidencia a recusa de uma única via de salvação e a busca da felicidade intramundana" (PÉREZ, 1996, p.7).

O processo contemporâneo da reflexividade social e individual

A presença do sagrado hoje significa em uma reapropriação dos conhecimentos conteúdos Esotérico-Místico, como instrumento reflexivo que permite ao indivíduo recuperação de sua essência autêntica, esquecida, soterradas no processo de desenvolvimento social. Significada como a recuperação da tradição enquanto encontro com suas raízes, mas essa tradição é reelaborada.

"A coisa esotérica para mim é um resgate de coisas que outros povos já sabiam e a gente foi perdendo com o tempo, com a tecnologia."

Essa definição, justifica ou melhor, explica o porquê a espiritualidade da Nova Era se constitui a a partir da confluência de crenças, práticas e símbolo de outras tradições culturais. Esse processo de confluência, é um aspecto formativo dessa espiritualidade, no que tange as características que a particularizam. Fundamentando-se justamente, na recolocação de diversa tradições de sentido, num processo hibridização e de reelaboração de seus conteúdos, que são interpretados á luz demandas existenciais contemporâneas. A Nova Era é vista como recuperação e resignificação da tradição, conforme pode-se perceber na passagem que se segue:

"Então a Nova Era para mim é um resgate de todo esse aprendizado né, de coisa que o ser humano perdeu, de não ter qualidade, de nossas potencialidades que perdemos com o tempo. Porque, assim, você acende uma vela para um santo, na realidade, para mim quem tá produzindo o fenômeno é a gente mesmo, só que como a agente não tem como ativar isso, por que a gente esqueceu, não sabe, não lembra mais, uma memória que se perdeu. Aí tu vais lá e acende aquela vela, porque a gente esqueceu, não sabe, não lembra mais, uma memória que se perdeu. Aí tu vais lá acende aquela vela, porque aquilo ali vai ativar alguma coisa no ser humano, que eu também não sei o que é que eu estou buscando, mas sei que vai fazer com que esse fenômeno aconteça. Mas eu acho que o mérito é da gente mesmo. "

A espiritualidade da nova é centrada no indivíduo que com sua ação põem em curso um processo de ativação de forças, energias aparentemente atribuídas a esferas externas a ele, mas que na verdade é processo imanentista onde o sagrado está no indivíduo. Ao recurso de práticas, crenças ou uso de símbolos se coloca como recurso reflexivo que ativa no indivíduo sua potencialidade, significadas então como a perfeição divina do indivíduo.

Discurso racionalista, que não vê uma volta ao passado, um reencantamento do mundo, mas que entende que as crenças, rituais, prática buscadas em outras tradições servem como "instrumento" reflexivo de ativação de processo que permitirão ao indivíduo reelaborar sua inserção no mundo social, a partir de sua própria resignificação como indivíduo.

Explicação para a Presença do Sagrado no Dias de Hoje: busca de uma perfeição existencial individual, centrada no eu e produzida de dentro para fora

"Eu acho que essa coisa, assim, tem um lado bom, por que como a gente está acostumado a crer e não fazer, tudo vem de fora e não de dentro de mim, dessa forma eu acho prejudicial porque daí o ser humano vai ficar sempre na espera de que alguma coisa aconteça de fora para dentro. Mas, se tu parares para pensar que através disso as pessoas conseguem se harmonizar, elas conseguem viver bem, se alimentam melhor, e elas não sabem nem por quê e a qualidade de vida delas melhora, sem elas questionarem muito. Eu não sei, mas se for para somar é bom. Mas nessa coisa que fica tipo bengala, tu vai no terapeuta, e daí tu fica naquele terapeuta o resto da tua vida achando que ele é a única resposta para teus maus, o quê acontece muito. O que acontece muito é que as pessoas

prendem outras pessoas em função de que eu estou acreditando em ti agora nesse momentos e eu faço tudo para que tu continue acreditando em mim e, quando a gente não pensa, não para para questionar o quê está acontecendo contigo, tu ficas preso a aquilo ali. Isso eu acho prejudicial, porque é uma forma de te arrancar coisa que tu tens bem claro dentro de ti e ficar sobre a minha regência, isso é um perigo nas terapias.

"Quando se fala em Nova Era é a entrada do homem para sua própria evolução (. . .) quer dizer, não vamos mais crer que as coisa estão lá fora, as coisa estão aqui dentro da gente. E como nós vamos chegar? Nos temos que buscar."

Envolvimento com a Nova Era: trânsito espiritual é uma forma de busca da auto-identidade, orientação de questões existenciais e dos nexos de sentido para a vida social.

"Sempre fui curiosa pelas questões mágicas e sempre me questioneei sobre quem eu sou, para onde eu vou, quem é Deus, como toda a humanidade que também se questiona. Então essas questões sempre foram ponto de interrogação, então eu disse para mim mesma, eu tenho que descobrir isso, pois deve existir uma resposta para isso, então eu comecei no kardecismo, fui a cartomante, andei em batuque. Eu acho que já passei por todas as vias místicas, sempre me impressionava porque todas elas não tinham uma resposta, para o que eu queria. Eu não queria saber se aquele namorado gostava de mim, se eu ia passar de ano. Eu queria saber mais coisas. Aí eu comecei a ir no kardecismo, por que ele tem algumas reposta para nossa existência, através da reencarnação. Aí, do Kardecismo é que entrou a coisa mais mística. Aí entrou o Paulo Coelho, que me fez ver que tinha mais coisas além do kardecismo, da umbanda e do batuque, tinha outras tendências que podiam me dar algumas respostas. Aí eu comecei a minha pesquisa, através de meu trabalho, eu produzia um programa esotérico para a TV- Educativa, eu comecei a me envolver profundamente, pois eu conheci pessoas que estudavam isso e elas tinham muito mais resposta que a religião espírita. Aí é que eu digo, que aí por trás disso tem coisas que eu posso me sentir melhor, que eu posso me sentir inteira, que é esse processo, eu acho que é o de todo mundo, só que a gente não tem isso muito claro.

Em nível de adequação individual esses conteúdos místico -religiosos funcionam para os indivíduos como códigos interpretativos que podem ser aplicados em todas as situações, promovendo sempre propor a determinação da vontade do indivíduo na busca do bem estar. Constroe-se como uma matriz que trata de fundamentar regras de interpretação daqueles conteúdos estruturadores da sociedade (normas, regras de conduta, determinações exteriores). E, esta matriz interpretativa, construída pelo apego aos temas da espiritualidade, orienta as interpretações e escolhas dos indivíduos que dizem como se relacionar com os conteúdos culturais que integram a vida social. Conforme aponta Giddens: "a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de

informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter." (GIDDENS, 1991: 45)

A reflexividade é um processo de monitoração da ação, que significa dizer que o self, a estrutura psíquica profunda do indivíduo, trata de funcionar como monitor reflexivo da ação (ação igual a processo que quando acontece já é a materialização de múltiplas determinações realizadas pelo indivíduo), onde a racionalização (referente a intencionalidade), a motivação foram processadas por essa estrutura íntima, o self e ali permanecem incrustadas, e esse conjunto de elementos faz com que o self monitore a ação. "O caráter da prática de autocultivo, reflexivo, moral, interior não visa em essência a realização de uma ação social, mas a subjetividade ou o modo de ser do seu agente." (RÜDIGER, 1996, p.13)

O *self* que incorpora conteúdos espirituais trata de ser orientação do indivíduo na sua ação mediante a fundamentar a racionalização e a motivação que são os dois processos constituintes da ação social. A partir disso, o indivíduo relaciona-se com as normas sociais onde estas se apresentam como fronteiras fatuais da vida social e para as quais são possíveis várias atitudes manipulatórias, nesse sentido então

Bibliografia

- AMARAL, Leila. As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, v. 17, n. 1-2, 1994.
- AMARAL, Leila. **Sincretismo em movimento**: o estilo Nova Era de lidar com o sagrado. Trabalho apresentado na VIIIª Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, set 1998.
- BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BEYER, Peter. A privatização e a influência pública da religião na sociedade global. In: FEATHERSTONE, Mike. **Cultura Global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CAMPBELL, Colin. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, v. 18, n. 1, 1997.
- D'ANDREA, Anthony. **O self perfeito e a Nova Era**: individualismo e reflexividade em religiosidades pós tradicionais. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Sociologia IUPERJ, dez, 1996.
- DOMINGUEZ, José Maurício. **Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo**. Paper apresentado na XX Reunião Anual da ANPOCS, Cxambú, outubro de 1997.
- FERGUSON, Marilyn. **A Conspiração Aquariana**: transformações pessoais e sociais nos anos 80. Rio de Janeiro: Record, Nova Era, 1997.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- HABERMAS, J. Teoría de la acción comunicativa I - racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987.
- HEELAS, Paul. A Nova Era no contexto cultural. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, v. 17, n. 1-2, 1994.
- MAGNANI, José G. Cantor. Esotéricos na Cidade: os novos espaços de encontro, vivência e culto. In: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: Fundação SEADE, v.9, n. 2, abr/jun, 1995.
- MOREIRA, Alberto, ZICMANN, Renée (org.). **Misticismo e Novas Religiões**. Petrópolis: Vozes; Gragança Paulista: USF, 1994.
- PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro, STEIL, Carlos Alberto (org.). **Religião e Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PACE, Enzo. Tendencias y corrientes de la sociología de las religiones. In: Sociedad y Religión. Buenos Aires, n. 13, mar., 1995.
- PETERS, Ted. **O eu cósmico**. São Paulo: Siciliano, 1992.

- PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, v. 3, n. 37, jun de 1998.
- Ricoeur, P. **Hermeneutics and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1996.
- SOARES, Luis Eduardo. **O Rigor da Indisciplina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- PEREIRA, Magda V. Dos Santos. **O Universo Místico-Religioso da Obra de Paulo Coelho na Ótica de Seu Leitor**. Trabalho apresentado na VIIIª Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, set 1998.